

ADOLESCÊNCIA EM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO, MULTICULTURALISMO E SUPERDIVERSIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO CEARÁ.

Maria Regina dos Passos Pereira¹; Jéssica Aline Almeida dos Santos²; Luiz Miguel Martins García³.

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mariaregina.passos@gmail.com.
Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, jessica.almeidas@live.com.
União dos Dirigentes Municipais de Educação de São Paulo, prof_luizmiguel@yahoo.com.br.*

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender como as noções de globalização (SANTOS, 2015; HALL, 2006; BLOMMAERT, 2010), de multiculturalismo (CANDAU, 2013), de superdiversidade (BLOMMAERT, 2010; VERTOVEC, 2007) e de fronteira (HOUTUN, 2002; PESAVENTO, 2002) se entrelaçaram e estão presentes nas ações de alunos do Ensino Médio de uma escola pública no estado do Ceará, na participação do Projeto Digital Media Education e apresentação do trabalho no Simpósio Ação Cidadã. Para tal, faz-se necessário compreender o que é ser adolescente em uma perspectiva sócio-histórico-cultural, na qual a concepção de homem é sempre “social”. Não concebe-se, aqui, uma visão naturalizada de adolescência, já que ela é social e historicamente construída, existindo de distintas maneiras em diferentes lugares e contextos. A metodologia usada para esse trabalho é a Pesquisa Crítica de Colaboração (MAGALHÃES, 2009), que visa a intervenção pelo e com os participantes na transformação de seu contexto. O recorte para análise compreende a participação destes alunos no Simpósio Ação Cidadã, ocorrido na cidade de São Paulo, em novembro de 2014.

Palavras-chave: Adolescência, Globalização, Multiculturalismo, Superdiversidade, Digit-M-Ed.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo compreender como as noções de globalização (SANTOS, 2015; HALL, 2006; BLOMMAERT, 2010), multiculturalismo (CANDAU, 2013), superdiversidade (BLOMMAERT, 2010; VERTOVEC, 2007) e fronteira (HOUTUN, 2002; PESAVENTO, 2002) apareceram nas ações dos alunos do Ensino Médio de uma escola pública no estado do Ceará por meio da participação no Projeto Digital Media Education (Digit-M-ed) e apresentação de trabalho no Simpósio Ação Cidadã (SiAC¹).

Como se trata de uma pesquisa que envolve adolescentes, cabe esclarecer que a visão de adolescência não é naturalizada, como nas discussões apresentadas por Knobel (1989), nas quais a adolescência é uma aparente patologia com manifestações de crises diversas e

¹ O SIAC foi formado pelo Grupo de Pesquisa Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (*Lace*) do Programa de Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para o compartilhamento de saberes produzidos em diferentes espaços de atuação social e pesquisa, relacionados a contextos escolares.

transitórias, formulando assim, a “Síndrome da Adolescência Normal”, na qual todos os indivíduos “normais” passarão, inevitavelmente, por essa fase de desenvolvimento.

Em oposição, endente-se a adolescência em um contexto sócio-histórico-cultural, ou seja, não determina-se “o que é a adolescência”, mas questiona-se “como se constitui esse período de desenvolvimento social, histórico e cultural?”

[...] o jovem não é algo “por natureza”. Como parceiro social, está ali, com suas características, que são interpretadas nessas relações; tem, então, o modelo para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, os jovens têm a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual. (AGUIAR, BOCK E OZELLA, 2001, p.168)

Logo, os jovens que participaram do SiAC trazem suas peculiaridades, pois são marcados pelo contexto sócio-histórico-cultural da região Nordeste do Brasil, e isto estabelece um modo de ser, estar e agir no mundo, um tanto diferente dos outros adolescentes.

METODOLOGIA

Metodologicamente, este artigo está organizado com base na Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) (MAGALHÃES (2009; 2011; 2012), caracterizada como pesquisa de intervenção formativa (ENGESTRÖM, 2011), com foco na desencapsulação do currículo e da aprendizagem escolar. As escolhas teórico-metodológicas estão voltadas à organização de um processo de envolvimento e transformação coletivo na busca por soluções crítico-colaborativas compartilhadas, que possibilitem aprendizagem e desenvolvimento a todos os participantes.

Contexto da Pesquisa

Para este artigo, faz-se necessário compreender dois contextos: primeiro, o projeto Digit-M-Ed Hiperconectando Brasil: transformando o ensino-aprendizagem; segundo, a escola estadual do Ceará.

Quanto ao primeiro, o projeto Digit-M-ed é um projeto internacional, criado em 2010, uma parceria que se desenvolve com a Universidade de Creta, a Universidade de Londres, a Universidade Estadual de Psicologia e Educação de Moscou, a Universidade Gratuita de Berlim, a Universidade Jawaharlal Nehru da Índia e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 2012, foi financiado pelo Projeto de Intercâmbio de Equipes de Pesquisas Internacionais de Marie Curie – União Europeia FP7 (IRSES).

Oriundo da adequação do Internacional, o Projeto Digit-M-ed Brasil, realizado em instituições de ensino superior e de educação básica de São Paulo, Londrina, Brasília e Ceará.

Esse projeto tem por objetivo desenvolver propostas curriculares que tenham como meta a reestruturação na forma de conceber o trabalho com conhecimentos múltiplos na escola e assim, criar condições para participação de todos na produção de propostas curriculares desencapsuladoras² e desenvolver a integração das culturas da escola e do cotidiano, promovendo um real engajamento das necessidades do contexto social no qual fazem parte, tornando possível a vivência de múltiplos territórios culturais.

O Digit-M-ed a cada ano trabalha com um assunto relevante indicado pelos participantes por meio de uma votação. Em 2014, o tema escolhido foi a coleta e o destino do lixo.

Inicia-se o período de formação com os alunos e os professores com vários encontros para terem subsídios sobre o tema trabalhado sob a ótica dos multiletramentos (NEW LONDON GROUP, 2000). Nesses encontros, os alunos assistiram vídeos com propagandas, vinhetas de filmes e campanhas publicitárias, para que pudessem discutir, refletir e compreender a representação da realidade, que se materializa de formas múltiplas, criando assim, repertório para irem à campo trabalhar o tema proposto a fim de conhecer a realidade sobre a produção e o descarte do lixo na sua região e a partir daí, pensar em soluções viáveis para essa questão. O resultado do trabalho elaborado em parceria com alunos e professores da escola, foi um vídeo de cinco minutos intitulado: “A produção e o descarte do lixo no distrito de Sucatinga, em Beberibe”, esse material comporia a apresentação da comunicação inscrita no Simpósio Ação Cidadã 2014 (SiAC) em São Paulo.

Retomando o objetivo deste artigo, que é compreender criticamente como as noções de globalização, multiculturalismo, superdiversidade e fronteira estiveram presentes nas ações de alunos do Ensino Médio por intermédio da participação no Projeto Digit-M-ed, a seguir tais noções serão explanadas para que se entenda como estiveram presentes desde o começo da preparação da ida à São Paulo até a volta ao Ceará.

Já o segundo, atende cerca de mil adolescentes distribuídos em três turnos e traz características que merecem ser evidenciadas. Apresenta uma gestão atuante, professores engajados com o processo de ensino-aprendizagem e discentes empenhados e participativos.

² Conforme Liberali (2015), desencapsular o currículo implicaria criar territórios para a multiplicidade de percepções e de formas de agir, para a reflexão constante sobre a práxis como “forma de ensinar” e como “conteúdo do ensino”, que necessariamente pressupõe movimentos de crise e superação de forma colaborativa.

Essas afirmações têm por base as observações focais, os documentos existentes na escola, como, por exemplo, o Projeto Político Pedagógico (PPP), as notícias em jornais do Estado do Ceará, além das premiações e homenagens à instituição, prestadas pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará devido a qualidade de ensino prestada à comunidade. Os alunos são oriundos de famílias que trabalham na pesca artesanal, nas fazendas de plantação de caju, nas indústrias de extração da castanha de caju e, também, no serviço público oferecido pelo município, além de outros serviços informais existentes na cidade por se tratar de uma região turística de muitas praias conhecidas nacionalmente.

O local onde a escola está inserida possui poucas opções de lazer e cultura aos jovens, portanto a praia, o espaço escolar e os encontros nas residências tornam-se uma das principais formas de diversão e ponto de encontro desses alunos, conforme evidenciado nas postagens feitas nas redes sociais por eles utilizadas.

Isso se revelou na fala dos alunos em um dos encontros do Projeto Digit-M-ed, ocorrido em dois de setembro de 2014, do qual participaram 19 alunos, 2 professores, 1 coordenador e a pesquisadora, conforme transcrição a seguir:

Excerto 1:

Pesquisadora: O que tem de legal aqui?

Aluna 1: Praia, é um lugar calmo, muito calmo.

Pesquisadora: Por que o lugar não é interessante para vocês?

Aluno 2: Falta emprego, infraestrutura.

Pesquisadora: E vocês fazem o que para se divertir?

Aluno 3: Joga bola.

Aluna 4: A praia, vai pra praia.

Pesquisadora: Mas não tem balada?

Alunos em coro: nãoooooo, só tem forró!

Aluna 5: E quando presta!

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observar o termo dicionarizado de globalização, verifica-se como definição o processo que ocasiona uma integração, ou ligação estreita, entre economias e mercados, em diferentes países, resultando na quebra das fronteiras entre eles. Para Giddens (2003) a globalização se dá na medida em que diferentes locais do globo são postos em interconexão, causando ondas de transformação social em toda a superfície do planeta. Em contrapartida, Blommaert (2010) enfatiza que a globalização não é nova, ela o é no sentido de intensidade, objetivo e escala. Sendo assim, oferece um efeito positivo aos que têm acesso a essa conectividade, porém é sentida negativamente pelas classes desprivilegiadas que não têm possibilidade de usufruir dessas transformações sociais sugeridas por Giddens (2003). Portanto, a globalização é contraditória, uma vez que traz oportunidades e desigualdades, progresso e regresso.

Como asseveram Burbules e Torres (2004), a globalização causa um impacto avassalador nos processos econômicos globais, incluindo processos de produção de consumo, comércio, fluxo de capital e interdependência monetária. Por isso, afeta o emprego e, conseqüentemente, os objetivos da educação, pois, como está disposto no artigo 2.º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996), a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Observam-se, também, as alterações que serão feitas na LDB por meio da Medida Provisória 746, de dezembro de 2016 (MP 746/2016), no tocante ao Ensino Médio. De acordo com o artigo 36 da LDB, que trata do currículo, este será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos específicos com ênfase nas áreas de conhecimento e de atuação profissional. Nota-se também, implicitamente, uma preocupação com a globalização, uma vez que coloca no § 8.º desse mesmo artigo a obrigatoriedade do ensino de Língua Inglesa.

Assim, as escolas necessitam estar atentas às instabilidades do mercado de trabalho preparando os educandos para mudar de emprego ao longo da vida e ainda lidar com uma mão de obra cada vez mais seletiva e competitiva. Outro fato chama a atenção: as escolas não estão voltadas para a preparação de produtores, mas moldam os consumidores:

Essa crescente comercialização do ambiente escolar tem se tornado notavelmente impudente e explícita em suas intenções (como no caso do projeto de Chris Whittle, o Channel One, discutido anteriormente, que admite abertamente oferecer televisores grátis às escolas para expor as crianças à dieta forçada de comerciais em suas salas de aula todos os dias) (BURBULES; TORRES, 2004, p. 11).

Com base nos autores supracitados, percebe-se a globalização como fenômeno não democrático, por ser, às vezes, perversa com os que estão à margem do sistema capitalista e isso se evidencia nas palavras de Santos (2015), ao afirmar que devemos considerar a existência de três mundos dentro de um só:

1. o mundo tal como nos fazem crer: a globalização como fábula;
2. o mundo como é: a globalização como perversidade;
3. o mundo como pode ser: outra globalização.

Atualmente, a realidade se aproxima da globalização como perversidade, pois é marcada pela pobreza, pelo desemprego, pelos baixos salários, pelas novas enfermidades, pelas antigas doenças que voltam a assolar algumas regiões, por uma educação de baixa qualidade para a população de baixa renda, o egoísmo e a competitividade crescente. Isso vai

ao encontro das ideias de Burbules e Torres (2004), quando escrevem sobre impacto avassalador causado pela globalização.

Opondo-se a isso, Santos (2015) considera a necessidade de uma globalização humana, uma vez que os novos fatos históricos indicam a urgência de uma nova história. Um deles é a grande mistura de povos, culturas e aspirações; o outro é a aglomeração de pessoas em pequenas áreas, em ambos existe a necessidade de rever as relações locais. O que chama a atenção é o quanto as condições técnicas e científicas atuais são favoráveis à construção de um mundo mais equânime, mas o que poderá viabilizar essa equidade de oportunidades será a ação do homem para com os seus semelhantes.

Assim como a globalização, o multiculturalismo é uma das características, atual, das sociedades. Tratando-se da América Latina e em particular do Brasil, observa-se que o País foi construído com uma expressiva base cultural, marcada trágica e dolorosamente em toda a sua história, principalmente, com negros e índios. Cominando em uma construção histórica marcada pela negação e pelo apagamento do outro.

As configurações multiculturais estão caracterizadas por um contexto histórico, político e sociocultural e, por consequência, o multiculturalismo, no Brasil, é diferente das sociedades europeias e das norte-americanas. Deter-nos-emos aqui em três abordagens que Candau (2013) considera fundamentais: multiculturalismo assimilacionista, multiculturalismo diferencialista e multiculturalismo interativo ou interculturalidade.

Uma perspectiva assimilacionista pressupõe que vivemos em uma sociedade multicultural na qual não existe igualdade de oportunidades para todos. Os negros, os índios, os homossexuais, os nordestinos, os pobres, os pouco escolarizados, entre outros, não têm acesso a bens e serviços tidos como direitos do cidadão. Em contrapartida, esses direitos são válidos para uma classe média branca, com alta escolaridade e que faz parte da cultura hegemônica. A perspectiva assimilacionista propõe que todos se integrem à sociedade e sejam integrados à cultura hegemônica, apagando assim as culturas consideradas inferiores, defendendo uma cultura comum e hegemônica, esmaecendo ou apagando saberes, crenças, valores, línguas e ritos, considerados inferiores.

Por outro lado, na perspectiva diferencialista, as diferenças são reconhecidas e garantem a expressão das diferentes identidades culturais, por meio de privilegio no acesso de direitos sociais e econômicos. Porém, isso favorece a segregação de determinados grupos culturais.

Contudo, ao observar as perspectivas descritas anteriormente, busca-se uma terceira que é a interculturalidade, com oportunidade para que as culturas estejam em um constante processo de construção e de reconstrução, numa relação complexa, sem que uma queira

apagar a outra. Assim, é preciso pensar em uma educação para a negociação cultural que possa oportunizar a construção de um projeto comum e que tenha previsto em suas bases o trabalho efetivo com os conflitos incitados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos que formam a sociedade, de modo que todos sejam incluídos com suas diferentes culturas, sem que haja necessidade de apagamento de uma em detrimento de outrem.

Apesar da globalização promover o multiculturalismo, não pode-se tomar como verdadeira a máxima de que o mundo é uma “aldeia global”. Como tratado em Blommaert (2010), o mundo não se tornou uma aldeia global, e, sim, uma rede de aldeias que se organizam individualmente com suas próprias regras e códigos. Os lugares mudam com a influência do global, mas o local tem sua resistência e, portanto, por meio de critérios e normas locais definem os processos de mudança.

O processo de globalização foi se intensificando, propiciando um fluxo migratório entre o local e o global, mostrando que se faz necessário compreender a mobilidade e a variabilidade para além dos termos culturais. Para Vertovec (2007), é preciso pensar a noção de superdiversidade, ou seja, a diversificação da diversidade em contextos plurilíngues e multiculturais.

Embora o multiculturalismo apareça como um equivalente da diversidade, Vertovec (2007) faz um debate crítico em torno desse conceito e propõe o de superdiversidade revelando a necessidade e a importância das novas combinações de variáveis que são marcas das sociedades contemporâneas.

Para Vertovec (2007), o termo superdiversidade serve para decompor as configurações das populações oriundas de fluxos migratórios globais nos últimos quarenta anos, não só em relação ao movimento de pessoas dos mais variados lugares, etnias, línguas e religiões, mas, também, com os modos das variações dessas categorias.

Ao falar de superdiversidade, entende-se o rompimento de fronteiras, não só daquelas que separam, dividem ou delimitam países e territórios, mas de “fronteira” como proposta por Turner (1986/1996), que apresentou esse conceito como algo móvel, uma construção imaginária passível de ressignificação.

Como proposto por Pesavento (2002), “fronteira” pode ser concebida em sua amplitude, quando tratado aquém dos limites geopolíticos, e oportunizando a exploração do universo imaginário. Nessa perspectiva de perceber a fronteira como um lugar adequado para a intensificação das trocas e dos contatos culturais, ela se torna um lócus de mobilização de diferentes culturas, etnias, povos e modos de vida. O ganho está em possibilitar os processos

de intercâmbios entre sujeitos e o meio em que vivem. Sendo assim, fronteira pode ser concebida como algo que delimita e que revela o seu interior.

Para Souza (2014), fronteira é o lugar próprio das trocas, das interações, das mobilidades culturais. Vincula-se à ideia de limite, mas ao mesmo tempo agrega as diferenças que separa ou intenta separar. Existe, originalmente, para impedir o trânsito entre os lados que divide, definindo o que está dentro e o que está fora, mas essa nitidez divisória não existe no local fronteiriço. A fronteira, paradoxalmente, divide, mas também pode permitir a união.

Neste artigo são abordados os conceitos citados acima para marcar as várias categorias que podem separar ou unir diferentes grupos. Especificamente, aqui, será tratado de um grupo composto por alunos participantes do SiAC 2104, em São Paulo.

A preparação para a participação e apresentação no SiAC 2014

Quando a Escola Estadual do Ceará iniciou o Projeto Digit-M-ed, em 2014, existia a pretensão de trazer os alunos à São Paulo para participar do SiAC. Nesse primeiro momento, falar em participar desse evento soava longínquo e impossível, em razão das condições financeiras dos alunos, o que nos fez refletir sobre a discussão de Santos (2015) a respeito da globalização como fábula, na qual todos estão próximos, como se o planeta fosse uma aldeia global, em que as distâncias foram encurtadas, mas essa globalização só é possível para aqueles que têm condições financeiras, e esse não era o caso dos alunos envolvidos na pesquisa. O que na realidade tinha-se era a globalização como perversidade, marcada pela falta de recursos financeiros que impossibilitava a participação dos alunos no Simpósio.

Apesar da descrença na possibilidade da participação no SiAC, foi dado continuidade ao projeto Digit-M-ed em vários encontros, nos quais trabalhavam-se os multiletramentos (COPEE; KALANTZIS, 2000) como uma forma de ler o mundo a subsidiar a pesquisa sobre o tema “A produção e o descarte do lixo no distrito de Sucatinga, em Beberibe”. Após os encontros preparatórios, os alunos romperam a primeira fronteira entre a escola e a vida e foram conhecer e pesquisar como era tratado o lixo no local onde moravam.

Nesse primeiro momento, a fronteira é o lugar próprio das trocas, das interações, das mobilidades culturais Souza (2014). Isso porque, esse momento serviu para evidenciar o trabalho dos alunos, uma vez que tiveram a oportunidade de entrevistar os lixeiros, as pessoas sustentavam suas famílias por meio do seu trabalho no “lixão”. Lugar, de existência desconhecida aos alunos da Escola Estadual do Ceará. Dessa forma, puderam conhecer uma realidade que não fazia parte dos conteúdos estudados em sala de aula.



Figura 2- foto tirada por aluno participante da pesquisa



Figura 1 - foto tirada por aluno participante da

Com a continuidade das pesquisas para a elaboração do vídeo que faria parte da apresentação no SiAC, os alunos começaram a se mobilizar e a acreditar na possibilidade de ir à São Paulo.

No mês de outubro de 2014, em um dos encontros com os alunos e os professores, um grupo de discentes sugeriu a possibilidade de solicitar auxílio financeiro à Câmara de vereadores. Isso mobilizou a participação em uma sessão na Câmara, e, mais uma vez, observou-se a passagem por outra fronteira, que era sair do âmbito escolar para pedir, àqueles que foram eleitos pelo povo, uma contribuição financeira para realizar a viagem dos alunos à São Paulo.

Assim, como discutido por Pesavento (2002), foi possível perceber a fronteira como um lugar adequado para a intensificação das trocas e dos contatos culturais, que, concomitantemente, faz dela um lócus de mobilização de diferentes culturas. Afirmativa percebida, no momento em que os alunos precisaram se preparar para se colocarem naquela plenária, posto a necessidade de saber diferenciar como era atuar no ambiente escolar e em uma sessão da câmara para sensibilizar os vereadores de modo que pudessem ter um retorno positivo.

O que percebemos foi uma mobilidade de identidade, uma das características da superdiversidade, uma vez que na sessão da câmara foi oportunizada a fala de várias pessoas, mas foi o discurso de um dos alunos que marcou aquela plenária, pois apesar de toda a sua simplicidade, colocou de forma enfática o porquê de estarem participando daquela sessão e quais eram as necessidades daquele grupo de adolescentes.



Figura 4 - Foto da Sessão da Câmara Municipal de Beberibe (autorizada pelos participantes)



Figura 3 - Foto da Sessão da Câmara Municipal de Beberibe (autorizada pelos pais dos alunos)

Começa aí um movimento visando conseguir a verba para a viagem, a continuidade à pesquisa sobre o lixo, para, posteriormente, elaborarem o vídeo sobre o tema. Ao final de outubro de 2014, já tinham angariado quase todo o valor para as passagens de oito alunos e de dois professores. Tudo isso graças ao engajamento dos docentes e discentes e participantes do projeto por meio de rifa, doações etc.

Concomitante aos movimentos supracitados, a preocupação com o multiculturalismo surgiu, posto que as configurações multiculturais estão marcadas por um contexto histórico, político e sociocultural (CANDAU, 2013). A apreensão era decorrente a possibilidade de preconceito que esses jovens poderiam ser expostos, pois apesar de encontrarem com jovens da mesma faixa etária, eles eram sócio-histórico-culturalmente diferentes, por serem de origem nordestina e carregarem essas marcas no seu modo de falar e agir. O fato de cruzar essa fronteira cultural poderia afetá-los, caso os alunos paulistas os recebessem com a superioridade hegemônica que o Sul e Sudeste brasileiro impõem às demais regiões brasileiras.

Muitas colaborações surgiram para que os alunos e os professores cearenses pudessem participar do evento e em virtude da parceria entre os participantes do Digiti-M-ed de São Paulo e do Digiti-M-ed do Ceará, vieram oito alunos e dois professores. Destes, apenas duas alunas já haviam saído do Ceará. Foi uma experiência marcada pela oportunidade de viver o multiculturalismo e a globalização.

Isso porque, nesses quatro dias em São Paulo participando do evento, tiveram oportunidade de visitar o museu da Língua Portuguesa, a Pinacoteca, além de passearem pela Avenida Paulista em um dia que havia manifestação do Movimento dos Sem-Terra (MST), além da garoa e do frio, situações climáticas que não são comuns ao Estado do Ceará.

A noção de fronteira foi vivenciado de diversas formas, uma vez que tiveram a oportunidade de estar em espaços e situações que não experimentam em seus lugares, por exemplo, a fronteira cultural entre o Sudeste e o Nordeste, a fronteira entre o espaço escolar no qual, ainda, o professor é o detentor do saber e estar em um espaço de apresentação, o SiAC, no qual puderam experimentar o papel de apresentadores de uma comunicação no campo acadêmico.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foram abordados as noções de globalização, multiculturalismo, superdiversidade e fronteira, que fazem de uma parte do projeto de pesquisa de doutorado intitulado *Repertórios constituintes de mobilidade: espaços construtivos de agência*, que foi a participação dos alunos no SiAC 2014.

As noções abordadas, propiciaram perceber como somos marcados pela globalização, pelo multiculturalismo, pela superdiversidade e pelas diversas fronteiras que nos unem e também nos separam. A partir do momento em que refletimos criticamente sobre isso, podemos melhorar o nosso modo de agir para com os outros sujeitos que são diferentes de nós sócio-histórica e culturalmente.

A participação dos alunos foi muito além da apresentação da comunicação no SiAC. Por estarem em São Paulo, tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da capital paulista, visitaram a PUC-SP, o Mercado Municipal, a rua 25 de Março, o Museu da Língua Portuguesa e a Pinacoteca do Estado. Conheceram, também, a Avenida Paulista, que por coincidência, na data, havia uma manifestação do Movimento dos “Sem Terra”. Encerramos o dia em uma rede de *fast food*, um espaço de alimentação que não é comum onde moram. Esses foram momentos de muita aprendizagem e de novas vivências para cada um dos alunos e professores participantes.

A aprendizagem propiciada por essa experiência, mostrou que para além do simpósio SiAC, a participação no projeto oportunizou rompimento de fronteiras e vivência, do encurtamento das distâncias conforme observado no processo de globalização, pois os alunos ultrapassaram barreiras geográficas e culturais. Como afirma Pesavento (2002), perceber a fronteira como um lugar adequado para a intensificação das trocas e dos contatos culturais, faz dela um *locus* de mobilização de diferentes culturas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

BURBULES, N.; TORRES, C.A. *Globalização e educação: perspectivas críticas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BLOMMAERT, J. *A sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2013.

COPE, B.; KALANTZIS, M. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUTUN, H.V.; NAERSSSEN, T.V, *Bordering, ordering and othering in Royal Dutch Geographical Society*. KNAG, 2002.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: _____; ABERASTURY, A. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

PESAVENTO, S. J. Além das fronteiras. IN: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil-Uruguai-Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2015.

SOUZA, M. J. Fronteiras simbólicas – espaço de hibridismo cultural, uma leitura de dois irmãos, de Milton Hatoun. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 475-489, jan.-jun. 2014.

THE NEW LONDON GROUP A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. IN: COPE, B.; KALANTZIS, M. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. New York: Cambridge, 2000.

TURNER, F. J. (1894). *The frontier in American History*. New York: Dove, 1996.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, 2007.